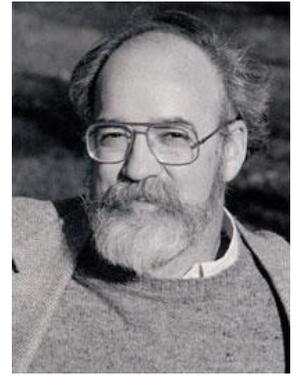


O paradoxo dos qualia

Daniel Dennett (1942-)



Daniel Clement Dennett III.

Seção 3 do artigo “Quining qualia”, in MARCEL, A.J. & BISIACH, E. (orgs.) (1988), *Consciousness in contemporary science*, Oxford U. Press, pp. 42-77. Republicado em: GOLDMAN, A. (org.) (1993) *Readings in philosophy and cognitive science*, MIT Press, Cambridge, pp. 381-414. Na internet: <http://cogprints.org/254/1/quinqual.htm> . Tradução de Osvaldo Pessoa Jr. para a disciplina TCFC III: Filosofia das Ciências Neurais, FFLCH, USP, 2018.

O verbo “to quine” do título do artigo, derivado do nome do filósofo Willard Quine, foi definido por Dennett como “negar resolutamente a existência ou importância de algo real ou significativo” (p. 381). O termo “bombas de intuição” [*intuition pumps*], usado abaixo, designa experimentos mentais que nos ajudam a entender uma questão. Notamos também que o livro *Brainstorms*, mencionado no texto, é de autoria do próprio Dennett.

[49] Retomando o paradoxo tradicional

Os qualia nem sempre cheiraram bem para os filósofos. Apesar de muitos terem pensado, seguindo Descartes e Locke, que faria sentido falar de propriedades privadas e infáveis das mentes, outros argumentaram que isso é estritamente um absurdo – por mais naturalmente que saia da boca. Vale a pena recordar como os qualia foram presumivelmente reabilitados enquanto propriedades a serem levadas à sério, na sequência dos ataques wittgensteinianos e verificacionistas que os consideravam pseudo-hipóteses. A versão original da *bomba de intuição 3: o espectro invertido* (Locke, 1690, II, xxxii, 15), é uma especulação sobre duas pessoas: como eu sei que você e eu vemos a mesma cor subjetiva quando estamos olhando para alguma coisa? Dado que nós dois aprendemos palavras referentes a cores a partir da exibição pública de objetos coloridos, nosso comportamento verbal estará em harmonia *mesmo que vivenciemos cores subjetivas totalmente diferentes*. A intuição de que tal hipótese não é sistematicamente confirmável (e também não é desconfirmável, é claro) tem sempre sido bastante robusta, mas algumas pessoas sempre tiveram a tentação de pensar que a tecnologia poderia (em princípio) cobrir esta lacuna.

Suponha, na *bomba de intuição 4: a máquina de junção de mentes [Brainstorm machine]*, que houvesse um aparelho neurocientífico que se encaixasse em sua cabeça e alimentasse sua experiência visual para dentro de meu cérebro (como no filme *Projeto Brainstorm*, que não deve ser confundido com o livro, *Brainstorms*). Com os olhos fechados, eu relato com precisão tudo o que você está vendo, com a diferença de que fico maravilhado como o céu é amarelo, a grama vermelha, e assim por diante. Isso não confirmaria, empiricamente, que nossos qualia são diferentes? Mas suponha [50] que o técnico então retire a tomada do cabo conector, inverta-a em 180°, e a reintroduza no soquete. Agora eu relato que o céu está azul, a grama verde, e assim por diante. Qual é a orientação “correta” da tomada? O desenho e construção de tal dispositivo requereria que sua “fidelidade” fosse sintonizada ou calibrada pela normalização dos dois relatos dos sujeitos – de maneira que estaríamos de volta ao nosso ponto de partida evidencial. A moral da estória desta bomba de intuição é que não é possível uma comparação intersubjetiva de qualia, mesmo havendo uma tecnologia perfeita.

A situação era essa até que alguém imaginou a versão presumivelmente melhorada do experimento mental: o espectro invertido *intrapessoal*. A ideia parece ter ocorrido independentemente para várias pessoas (Gert, 1965; Putnam, 1965; Taylor, 1966; Shoemaker, 1969, 1975; Lycan, 1973). Provavelmente Block & Fodor (1972, p. 172) têm ela em mente quando dizem: “Parece-nos que os argumentos verificacionistas padrões não são persuasivos contra a visão de que a hipótese do ‘espectro invertido’ é conceitualmente incoerente”. Na seguinte versão, *bomba de intuição 5: a pegadinha neurocirúrgica [the neurosurgical prank]*, as experiências a serem comparadas estão todas em uma mente. Você levanta um dia e descobre que a grama tornou-se vermelha, o céu amarelo, e assim por diante. Ninguém mais nota anomalias de cores no mundo, então o problema deve estar em você. Você está autorizado, ao que parece, a concluir que você foi submetido a uma inversão de qualia visuais cromáticos (e depois descobrimos, se você quiser, exatamente como os neurofisiologistas malvados manipularam os seus neurônios para

conseguir isso).

Aqui parece, à primeira vista – e de fato por um bom tempo – que afinal de contas os qualia são propriedades aceitáveis, pois proposições sobre eles podem ser afirmadas justificadamente, verificadas empiricamente, e até explicadas. Afinal de contas, no caso imaginado, podemos contar uma história em que confirmamos um relato neurofisiológico detalhado da etiologia precisa da mudança dramática a que você está submetido. É tentador supor, então, que evidência neurofisiológica, incorporada em uma teoria robusta e ramificante, teria todo o poder de resolução que precisaríamos ter para determinar se os qualia de alguém de fato se alteraram.

Mas isso é um erro. Será necessária uma exploração paciente para revelar o erro em profundidade, mas a conclusão pode ser alcançada – se não assegurada – rapidamente com o auxílio da *bomba de intuição 6: a neurocirurgia alternativa*. Há (pelo menos) duas maneiras diferentes pelas quais o neurocirurgião malvado poderia criar o efeito de inversão descrito na bomba de intuição 5:

1. Inverter um dos canais “iniciais” produtores de qualia, por exemplo no nervo óptico, de maneira que todos os eventos neurais relevantes “posteriores” sejam os “opostos” dos seus valores originais e normais. Em consequência desta hipótese [*ex hypothesi*], isso inverte seus qualia. [51]

2. Deixar todos os caminhos iniciais intactos e simplesmente inverter certas ligações de acesso à memória – o que quer que seja que cumpre sua comparação tácita (e até inconsciente!) das matizes de hoje com aquelas de outrora. Em consequência desta hipótese, isso *não* inverte seus qualia em absoluto, mas apenas sua disposição, ancorada em memórias, em reagir a eles.

Ao acordar e perceber que seu mundo visual está muito anômalo, você exclamaria: “Caramba! *Alguma coisa* aconteceu! Ou os meus qualia foram invertidos, ou minhas reações de qualia ligadas à memória foram invertidas. Qual dos dois será?”

Supôs-se amplamente que o experimento mental do espectro invertido intrapessoal fosse um melhoramento, já que ele moveu a comparação necessária para dentro da cabeça do sujeito. Mas agora podemos ver que isso é uma ilusão, já que a ligação com experiências anteriores, a ligação via a memória, é análoga ao cabo imaginário que poderia ligar dois sujeitos na versão original.

Este ponto é rotineiramente – poder-se-ia dizer tradicionalmente – ignorado pelos construtores dos experimentos mentais do “espectro invertido intrasubjetivo”, que supõem que o fato de o sujeito *notar a diferença* – certamente uma vívida experiência de descoberta por parte do sujeito – teria que ser uma instância de reconhecimento (direto? incorrigível?) da diferença *como uma alteração nos qualia*. Mas como mostra meu exemplo, poderíamos ter alcançado o mesmo efeito surpreendente em um sujeito sem manipular seus presumidos qualia. Dado que, em consequência das hipóteses, as duas invasões cirúrgicas distintas podem produzir exatamente os mesmos efeitos introspectivos, ao passo que apenas uma operação inverte os qualia, nada na experiência do sujeito pode favorecer uma das hipóteses em relação à outra. Assim, a não ser que ele busque ajuda externa, o estado do seu próprio qualia deve ser tão incognoscível para ele como o estado dos qualia de qualquer outra pessoa. Isso fica longe do acesso privilegiado ou contato [*acquaintance*] imediato ou apreensão direta que os amigos dos qualia haviam atribuído às “características fenomênicas”!

O resultado desta série de experimentos mentais é uma intensificação do argumento “verificacionista” contra os qualia. *Se* houver qualia, eles são ainda menos acessíveis para nossa espécie do que pensávamos. Não só as comparações intersubjetivas clássicas são impossíveis (como mostra a máquina de junção de mentes), mas não podemos dizer, em nossos próprios casos, se nossos qualia foram invertidos – pelo menos não por introspecção. É certamente tentador neste ponto – especialmente para os não filósofos – decidir que este resultado paradoxal deve ser um artefato de alguma análise filosófica equivocada, o tipo de coisa que pode bem acontecer se você tomasse uma noção pré-teórica perfeitamente boa – nossa noção cotidiana de qualia – e a esticasse ilicitamente para além do seu ponto de rompimento. Os filósofos fizeram uma bagunça; deixe-os arrumar as coisas; enquanto isso nós outros podemos [52] voltar ao trabalho, confiando como sempre em nosso contato [*acquaintance*] sóbrio e não metafísico com os qualia.

Superar essa tentação ubíqua será a tarefa da próxima seção, que buscará estabelecer a incoerência irreversível das intuições que levam ao paradoxo, olhando de maneira mais próxima às suas fontes e sua motivação.